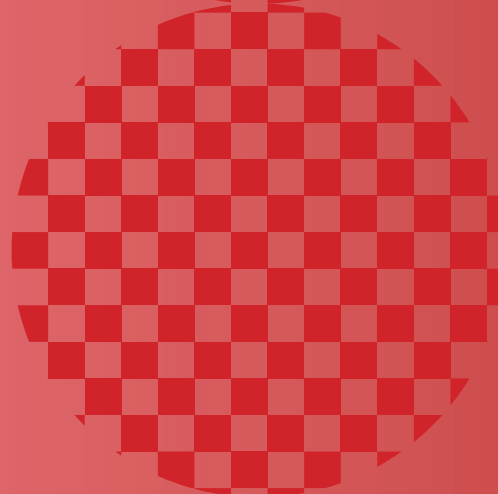
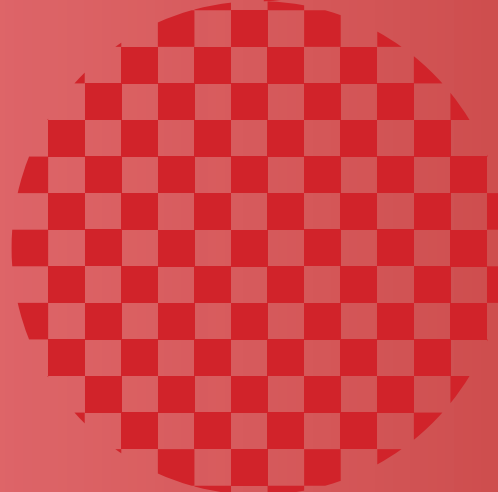
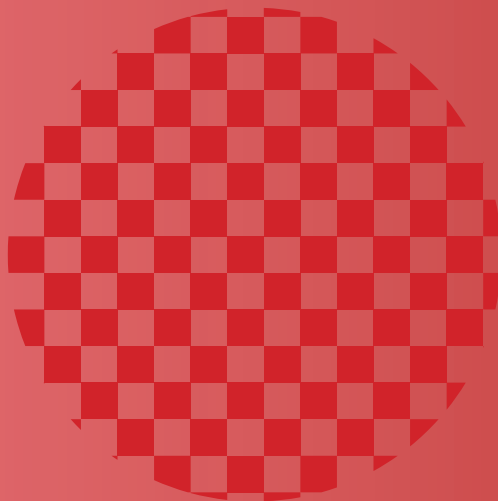




9ª edição

Escritos de artista ou
experimentalizar a escrita



CADERNO ESPECIAL

TERRENO BALDIO: EXPERIÊNCIA N.2

Rafael Amorim

RESUMO: O presente ensaio se entende enquanto parte da posterior defesa do trabalho de conclusão de curso em artes visuais, visando reivindicar o espaço da escrita de artista nas produções dentro da academia. Apresenta-se elencada aqui, uma lista de apontamentos abordados em situação de residência artística como parte do projeto Terreno Baldio: Experiência n.2, no Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais, entre 22 e 27 de julho de 2019, na cidade de Belo Horizonte. Apresentados como texto curatorial para a exposição resultante dos processos em residência, tais apontamentos levam em consideração o termo terreno baldio enquanto alegoria a ser desenvolvida teoricamente como um conceito para as artes visuais. Fizeram parte do corpo de artistas em residência deste projeto: Davi de Jesus do Nascimento, Dinah de Oliveira, Jean Carlos Azuos, Mônica Coster Ponte e Rafael Amorim.

PALAVRAS CHAVES: Escrita de artista; Residência artística, Artes visuais.



1. uma residência artística pode ser um espaço de estudo intenso. um espaço de estudo intenso para agenciamentos de mundos. espaço esse, para se pensar sobre outras percepções de mundo e, assim, transmutá-lo em suas intensidades. pode vir a ser um espaço de estudo intenso a propor também pensamento crítico através de um saber praticado das muitas histórias e teorias da arte. mas não só.

2. a residência artística talvez seja menos um espaço e mais um modo de estudo. um modo que não necessariamente implica somente à classe artística ou o ensino de arte comumente associado às instituições – não tomar as instituições como cânone, tampouco como inimigas das sensibilidades, mas como aliadas.

uma residência artística é uma questão de mobilização coletiva, de caminhar em conjunto e, antes de mais nada, deveria propor espaços de acolhimento e integração, tendo como prioridade

CONVOCAR AS MAIS VARIADAS SUBJETIVIDADES

3. algumas residências artísticas têm verba destinada ao projeto desenvolvido pela pessoa artista ou o grupo naquele espaço. algumas até hospedam. mas nem todas. algumas até premiam. mas nem tudo é sobre dinheiro.

4. no entanto, também não é sobre o assujeitamento de nossas sensibilidades diante da institucionalização daquilo que nos é precário e vulnerável. não confundir.

5. o terreno baldio: experiência n.2 está sob formato de residência artística proposta por cinco pessoas artistas e/ou pesquisadoras: quatro advindas da cidade do rio de janeiro e uma outra pessoa artista barranqueira da cidade de pirapora, mas que reside na cidade de belo horizonte. terreno baldio é também um espaço de encontros.

6. o terreno baldio é evocado aqui como uma imagem em transformação.

7. uma residência como terreno baldio tenta lidar com o pensamento que circunda o binômio arte e vida a partir de deslocamentos geográficos e discursivos, para repensar [pensar outras vezes] também aquilo que o artista uruguaio luís camnitzer chamou de uma criação de necessidades artificiais. por isso, a imagem que se pretende com o baldio deste terreno, toca nas necessidades de pertencimento com o que comumente não está no lugar de necessidades tidas como fundamentais. ou seja, o terreno baldio se empreende na busca por ocasionar desvios em nossas noções pré determinadas. baldio aqui é desacostumar o olhar para o banal.

8. camnitzer e dinah de oliveira

a questão é coletiva. *entrincheiramento*. quem estará conosco nas trincheiras? quem contestará a criação de produtos quando não houver nenhuma cultura para justificá-los? já que a américa latina tem cinco séculos de história sendo colônia e sem pausa para assumir a si mesma. (Ibidem, p. 269) a tarefa permanece: reconstruir a nossa própria cultura a partir de reencontros com a mesma.

9. o terreno baldio é um lugar de reconciliação, seu aparecimento parte do desejo de se permanecer operando sobre signos reconhecidos culturalmente.

QUE SEJA BALDIO O QUE TIVER DE SER.

10. a proposta: lidar com materiais que se apresentem de maneira baldia, ou seja, precária, sem muito requinte, destituídos das colônias. materiais de pouco ou nenhum valor simbólico atribuído pelo lugar comum das importâncias, à margem, embrutecidos, ordinários. transformá-los, abrir suas camadas para que não sejam objetos de alienação para quem os observa.

11. propor que a cidade e este espaço da instituição de arte sejam terrenos baldios faz parte, ainda recorrendo à conversa com camnitzer, de assumir uma *estética do desequilíbrio que afeta estruturas, que precisa de total participação ou total rejeição e que não dá espaço para o conforto da alienação*. sendo também uma proposta de cuidado para com quem cruza nossos caminhos e constrói junto uma trajetória. trata-se do encontro com um outro corpo/pessoa e um outro corpo/território. é preciso cuidado com nossos pares e nossos espaços de partilha. assim, o terreno baldio hoje se mostra como prática experimental de outros modos de olhar para o que ainda nos é equívoco, banal ou para os demais aspectos quase invisíveis do cotidiano.

12. baldeação: o espaço que existe entre os deslocamentos.

13. o corpo também pode ser um terreno baldio.

14. para matheusa e citando matheusa.

às muitas narrativas baldias que nos permitiram estar aqui hoje – escrevendo, falando, nesse manuseio de cuidados, adentrando espaços que ora nos nega, ora nos oprime, ora nos deslegitima, ora nos torna meros fetiches. o corpo embarcação, o corpo baldio, o corpo estranho. são muitos os corpos em contato que provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades. *o estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro.* corpos em fricção para abrir fendas nos espaços. corpos em fricção para abrir terrenos baldios entre as pessoas. (Figura 01).



fig.01: registro da exposição terreno baldio: experiência n.2, acervo do autor.

15. sentenciar:

A ARTE NÃO TRABALHA COM PROMESSAS DE SALVAÇÃO.

fazer dos espaços os nossos terrenos baldios com nossas experiências coletivas.

16. às existências baldias: os corpos em negociação, a pessoa artista periférica e suburbana que repensa as noções de centralidade, a pessoa preta dentro e fora das instituições de arte e cultura, as existências dos corpos e das vozes dissidentes, as pessoas professoras e pesquisadoras que têm seu trabalho, suas pesquisas e suas práticas subjugadas por projetos de sucateamento da potências do pensamento científico e crítico, as pessoas com seus salários atrasados, as pessoas em subempregos, as pessoas sem emprego algum ou tudo isso junto ou o que não mais nos for invisível.

17. saber olhar e reconhecer no baldio a importância das coisas.

O QUE É BALDIO NÃO PODE SER CONTIDO

O QUE É BALDIO PRECISA VAZAR.

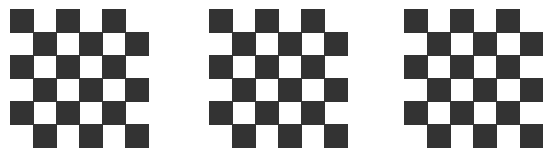
Arte é emancipação

Alex Frechette

BIBLIOGRAFIA

CAMNITZER, L. Arte contemporânea colonial. In FERREIRA, G. e COTRIM, C. (Orgs.) *Escritos de Artistas 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 266-274

PASSARELI, M. Um ensaio sobre corpos estranhos dentro de um ambiente padronizado. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em: <<https://issuu.com/mkmdr/docs/corpo-estranho>> Acessado em: 20 mar. 2020



A arte analisa, critica e transforma em objeto artístico, entre outras coisas, as relações de poder da sociedade. O bolsonarismo ataca a arte porque sabe que nela há um paradoxo de poder: o de parecer secundária e ao mesmo tempo não ser. Ao lidar com a questão da visibilidade, as artes (plásticas, por exemplo) fomentam este paradoxo – que é apenas um dentro de uma profunda caixa de paradoxos. Afinal, por que a arte amedronta este setor de fanáticos do poder?

Artistas plásticos não estão constantemente numa mídia maciça. Então, já que esta seleção é mais difícil, preferem atacar o campo da cultura, que é mais amplo. É preciso lembrar, entretanto, que arte e cultura são coisas diferentes. Como diria Godard, “cultura é a regra, arte é a exceção”. A cultura pode ser algo reacionário também, como nos lembra Félix Guattari, pois pode ser uma espécie de conservação de imposições autoritárias validadas pelo tempo. A cultura como algo que nos regra, e a arte como algo que problematiza estas regras – acredito ser este o pensamento de Godard.